

FELIPE BARONI
fbaroni@oglobo.com.br

A Suécia se tornou oficialmente ontem o 32º membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), aliança militar liderada pelos Estados Unidos, encerrando assim dois séculos de não-alinhamento oficial e à sombra da guerra na Ucrânia. A adesão acontece quase dois anos depois do lançamento da candidatura do país, em maio de 2022, e após uma longa batalha para obter a aprovação dos outros 31 países-membros.

— Coisas boas acontecem para aqueles que esperam — disse ontem o secretário de Estado americano, Antony Blinken, ao receber os documentos de adesão das mãos do primeiro-ministro da Suécia, Ulf Kristersson, respondendo que é uma “vitória para a liberdade”.

A adesão também foi comemorada pelo presidente dos EUA, Joe Biden.

Quando [o presidente russo, Vladimir] Putin lançou sua guerra brutal de agressão contra o povo da Ucrânia, penso que poderia fragilizar a Europa e dividir a Otan. Com a entrada da Suécia hoje, a Otan se torna mais unida, mais dinâmica e mais forte do que nunca”, disse em comunicado.

Pelo Artigo 5 do Tratado do Atlântico Norte, que rege a Otan, caso um dos membros sofra um ataque, este será considerado uma agressão a todos os demais integrantes, que têm o compromisso de responder à ameaça. Em mais de sete décadas de existência da Otan, a única invocação do artigo aconteceu após os atentados de 11 de Setembro de 2001 contra os EUA.

Entenda como a adesão vai afetar a aliança militar, e também como pensam os russos.

Mudança de doutrina

A confirmação da Suécia quebra paradigmas históricos e promete mudar a formulação de estratégias de defesa.

Até maio de 2022, a Suécia adotava uma postura oficial de neutralidade em conflitos armados, mantida durante as duas Guerras Mundiais. Tecnicamente, avaliavam especialistas, essa política chegou ao fim em 1995, quando o país entrou para a União Europeia, e quan-



Exercícios militares. Soldados de infantaria do Exército sueco participam de treinamento em base próxima a Estocolmo. Suécia participou, com outros 12 países, de manobras na Escandinávia e Ártico

Suécia entra na Otan e muda paradigmas na aliança militar

Adesão é celebrada pelo Ocidente e promete modificar formulação de políticas de segurança na região do Mar Báltico

do surgiram acordos de cooperação em defesa que facilitaram a adesão.

O país não chega de “mãos abanando”. A política de neutralidade não impediu a criação de uma indústria armamentista forte e de ponta. Os caças F-39 Gripen, por exemplo, foram a escolha do governo brasileiro para modernizar a frota da Força Aérea. Na Ucrânia, para onde Estocolmo enviou, desde fevereiro de 2022, R\$ 14,4 bilhões em ajuda militar, o míssil antitanque AT4 se mostrou uma arma mortal. Um ponto forte é a Marinha, que conta com quatro sub-

marinos, além de corvetas e navios caça-minas.

Apesar de ter uma força terrestre de 50 mil soldados, e de um gasto de Defesa considerado pequeno para os padrões da aliança, 1,3% do PIB em 2022, as autoridades locais estipulam como meta chegar aos 2% “ideais” da Otan até 2026.

‘Lago da Otan’

Talvez o mais celebrado feito da adesão sueca seja que, agora, a Otan controla praticamente toda a costa do Mar Báltico, com exceção do enclave de Kaliningrado e de

CONTROLE DO BÁLTICO

Adesão da Suécia garante domínio da Otan em um dos mares mais movimentados do mundo

■ Territórios russos ■ Países-membros da Otan ■ Fronteira entre Rússia e Otan



parte da costa da Rússia. Com Finlândia e Suécia, a capacidade de coordenação aumenta, possibilitando uma vigilância minuciosa, ainda mais em momentos de tensão entre Moscou e o Ocidente.

Para Letônia, Estônia e Lituânia, o “Lago da Otan”, como tem sido chamado por analistas o Mar Báltico pós-adesão sueca, é uma garantia contra um ataque vindo da Rússia ou da Bielorrússia. A ilha de Gotland, apelidada de “porta-aviões sueco”, fica a

como o continente europeu, se uniu com sucesso contra aquela que é a maior crise de segurança na região desde o fim da Guerra Fria.

A aposta de Putin no desmantelamento desse mecanismo militar deu errado, apesar dos visíveis sinais de desgaste, majoritariamente ligados a questões domésticas. A eleição nos EUA em novembro e menor ímpeto de Washington (e outras capitais europeias) em dar dinheiro a Kiev são pontos frágeis, que podem eventualmente ser amenizados por dois novos membros dispostos a incrementar gastos com Defesa.

Resposta de Moscou

Mesmo sem a mesma agressividade demonstrada com a expansão da Otan rumo ao Leste Europeu e, especialmente, à Ucrânia, a Rússia não esconde a insatisfação de ver uma organização hostil perto de suas fronteiras. Hoje, são mais de 2,5 mil km de divisa com países da aliança, e isso levou a promessas de fortalecimento de posições nessas áreas. Embora não mencionada recentemente, o “Lago da Otan” deve trazer de volta a ameaça de Moscou de abandonar o status não nuclear do Mar Báltico.

Áudio vazado por Moscou expõe divisões sobre Kiev

Chanceler alemão virou alvo de críticas após conversa entre oficiais, divulgada por mídia russa, discutir envio do míssil Taurus

DANIELA ALMEIDA

Primeiro foi o presidente da França, Emmanuel Macron, a detetar seus aliados da Otan enfurecidos com a sugestão de que, em breve, o Ocidente poderia ser forçado a mandar tropas para a Ucrânia. Depois foi a vez de chanceler alemão, Olaf Scholz, expor novas divisões. Ao tentar justificar os motivos da Alemanha não repassar seu mais poderoso míssil, o Taurus, para a Ucrânia, ele deu a entender que o Reino Unido, a França e os EUA podem secretamente estar ajudando Kiev a obter armas similares. Embora Londres e Berlim não tenham comentado oficialmente, Scholz foi imediatamente acusado por antigos integrantes de governos de revelar segredos de guerra.

— O comportamento de Scholz mostrou que, sobre a

segurança da Europa, ele é o homem errado na hora errada — disse Ben Wallace, ex-ministro da Defesa do Reino Unido, ao Evening Standard, um jornal britânico.

DANÇA DIFÍCIL

Enruiamos na qual o presidente Vladimir Putin ameaça uma escalada nuclear se a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) entrasse no conflito, as tensões entre os aliados ocidentais ressaltaram como eles estão lutando para manter a união em um momento de aparente impasse na guerra e de apoio internacional decrescente.

Para a Otan, o desafio agora é encontrar a combinação de novas armas e apoio financeiro sem um confronto direto com Putin, mesmo sem saber exatamente onde a linha entre todos esses pontos está. Essa é uma dança especialmente



se aprofundaram no fim de semana, quando uma chamada telefônica de 38 minutos entre o chefe da Força Aérea alemã e outros oficiais foi publicada pela imprensa estatal russa, deixando claro que havia planos de contingência caso Scholz se resolvesse mandar o míssil Taurus.

A Alemanha forneceu mais armas e prometeu mais apoio à Ucrânia de que qualquer outra nação que não os EUA, mas Scholz estabeleceu um limite no míssil Taurus, cujas capacidades, de longe, poderão soar como provocação a Putin.

Os problemas do chanceler

se aprofundaram no fim de semana, quando uma chamada telefônica de 38 minutos entre o chefe da Força Aérea alemã e outros oficiais foi publicada pela imprensa estatal russa, deixando claro que havia planos de contingência caso Scholz se resolvesse mandar o míssil Taurus.

A revelação deu início a investigações em Berlim, a começar sobre o motivo da conversa entre oficiais acontecer em uma linha desprotegida. Os militares alemães confirmaram que o áudio é autêntico, mas não comentaram seu conteúdo. Hoje, a Alemanha tem a di-

002 ANDREIA LARI/20-2-2024

Proteste.

Manifestantes pedem que o chanceler alemão evite o envio de mísseis Taurus para a Ucrânia; arma poderia alcançar o fronteira

posição cerca de 100 mísseis Taurus, que têm um alcance maior do que o ATACMS (Sistema de Mísseis Táticos do Exército) fornecido pelos EUA, o Storm Shadow britânico ou o SCALP francês.

CONFRONTO DIRETO

A razão pela qual a Ucrânia não recebeu os mísseis alemães é simples, Scholz disse num comício em Dresden, na quinta-feira passada. Embora a Alemanha tenha prometido US\$ 30 bilhões em armamentos nos próximos anos, o míssil Taurus poderá atingir alvos a até 500 km de distância. Isso colocaria Moscou, que fica a 450 km da fronteira entre os dois países, em risco, e Scholz deixou claro que não acredita que as forças ucranianas evitariam levar a guerra ao Kremlin. Berlim não crê que um ataque direto à Rússia ocorreria sem risco de um confronto direto com Moscou.

— Não podemos estar ligados, de qualquer forma, ou qualquer lugar, a definição de alvos militares — disse. (Do New York Times)